

Ela fez o milagre e ele foi santificado.

Maria de Araújo: gênero e relação de poder no colonialismo religioso brasileiro

Carlos Alberto Tolovi¹

Eliane Nunes Estrela²



<https://pt.wikipedia.org>

Na madrugada do dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo estava reunida com outras mulheres na pequena capela de Juazeiro do Norte. Ao receber a comunhão das mãos de Padre Cícero percebe que a hóstia sangra em sua boca. A partir daquele momento tudo mudaria em sua vida e no pequeno lugarejo onde habitava. As grandes romarias começam a transformar Juazeiro em “Terra Santa”. Contudo, se o milagre foi o elemento propulsor de toda transformação que ocorreu neste lugar, e se este aconteceu na boca de Maria de Araújo, o que explica o fato de Padre Cícero ter se tornado santo por meio da religiosidade popular? Nossa proposta consiste em uma reflexão crítica, baseado em pesquisa documental, que busca evidenciar as bases epistemológicas e ideológicas do colonialismo religioso dentro das estruturas de poder da Igreja Católica da época, tendo como referência os conflitos em Juazeiro do Norte.

¹ Doutorando em Ciências da Religião na PUC – SP. Orientador: Prof. José J. Queiroz. Bolsista CAPES/CNPq. Professor de Filosofia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Regional do Cariri – CE.

² Mestranda em Gestão e Avaliação na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordenadora da CREDE 19 – Juazeiro do Norte - CE.

Palavras-chave: Maria de Araújo; Religiosidade; Milagre; Colonialismo

O “milagre”: acontecimento fundante

São muitos os registros literários que narram grande parte da vida e da obra de Padre Cícero colocando em destaque o “Milagre de Joaseiro”. É uma das obras que se tornou fonte de pesquisa importante na área acadêmica traz justamente este tema “*Milagre em Joaseiro*”.³

No dia 1º de março de 1889, Maria de Araújo era uma das várias devotas que se encontravam na capela do Joaseiro para assistir à missa e acompanhar os rituais que se celebravam todas as sextas-feiras do mês, em honra do Sagrado Coração de Jesus. Foi uma das primeiras a receber a comunhão. De repente, caiu por terra e a Imaculada Hóstia branca que acabava de receber tingiu-se de sangue. O fato extraordinário repetiu-se todas as quartas e sextas-feiras da Quaresma, durante dois meses; do domingo da paixão até o dia da festa da ascensão do Senhor, por 47 dias, voltou a ocorrer diariamente (CAVA, 1976, P.40).

Este acontecimento se transformou em um evento extraordinário, que deu origem a diversas narrativas e que, por sua vez, fomentou o início das romarias ao Joaseiro.

Contudo, aqui, o que poderia deixar qualquer leitor pensativo é uma simples e intrigante pergunta: se o milagre da hóstia aconteceu na boca da beata Maria de Araújo, então, por que Padre Cícero foi quem se tornou santo para o povo? Por que a Beata praticamente desapareceu do cenário religioso? Por que os romeiros e romeiras nem ao menos perguntam onde estão enterrados os restos mortais de Maria de Araújo? Por que não cobram da Igreja explicações para o “sumiço” do corpo?⁴

³ “Joaseiro” – era assim que os documentos e as obras mais antigas registravam o nome do sítio, da vila, do distrito do Crato. Inclusive, a principal obra que reuniu e organizou os registros mais importantes dos arquivos históricos decidiu manter esta expressão antiga, tendo como título: “Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Joaseiro” – organizada por Antônio Renato Soares de Casemiro.

⁴ Sobre este assunto temos uma obra muito interessante que levanta a pergunta que pouca gente faz: “Onde está Maria de Araújo”? Sobre este assunto Cfr. SILVA, Nilze Costa e. *A Mulher Sem Túmulo – Vida Romanceada da Beata Maria de Araújo, Protagonista dos “Milagres de Juazeiro, Ceará, em 1889.* Fortaleza: Ed. Armazém da Cultura, 2010.

Para entendermos esta questão, além da dimensão cultural, precisamos compreender o contexto profundamente conflitante entre Padre Cícero, a hierarquia da Igreja e o Estado. Mas, acima de tudo, precisamos compreender também o contexto ideológico do colonialismo que fez e continua fazendo parte de nossa história, tanto no campo religioso quanto no campo social.

Na época de Padre Cícero a Igreja Católica instituía um processo de romanização. Uma forma de maior centralização do poder clerical. E a religiosidade popular se apresentava como uma manifestação de adesão e, ao mesmo tempo, de revelação da fragilidade do poder da Igreja. Mesmo porque eram espaços e manifestações de muita autonomia com relação à hierarquia. Portanto, estas manifestações deveriam ser contidas ou eliminadas para não colocarem em risco as estruturas de poder – econômico, político e religioso.

De qualquer forma,

Acreditava-se que Juazeiro era um espaço de comunicação entre a Terra e o Céu. A transformação da hóstia em sangue anunciava que o remoto povoado era um território de purificação e salvação da alma. O milagre significava um aviso de Deus para converter os desviados e alimentar a fé dos devotos (RAMOS, 2000, p. 165).

O milagre transformou-se no motivo inicial das romarias. Estas, por sua vez, tornaram-se manifestações desencadeadoras de um fenômeno muito maior. O problema é que as manifestações da religiosidade popular, na mesma época de Canudos, afirmavam cada vez mais a autonomia dos que se organizavam em torno dos beatos e beatas. Este movimento colocava em xeque o projeto da Igreja naquele momento histórico, que era justamente o fortalecimento da autoridade eclesial e clerical.

Contudo, o que levava os fiéis a acreditarem no fenômeno da hóstia que sangrava e nos estigmas que Maria de Araújo apresentava em seu próprio corpo⁵?

O discurso era carregado de símbolos e signos, que produziam significados que, por sua vez, extrapolavam os limites dos objetos, fazendo sentido em meio aos interlocutores (teofania). Sendo assim, a hóstia que sangrava representava um símbolo religioso que servia também de signo ideológico. Isto é, um objeto (hóstia - pão) foi colocado para além de sua função específica (alimento), extrapolando os limites de sua imanência, projetando um conjunto de ideias que foram aceitas coletivamente. O que só fazia sentido porque refletia e refratava elementos culturais de uma determinada época e de um determinado lugar geográfico. Tornou-se um símbolo que representava um conjunto de ideias que dava sentido às longas caminhadas rumo à “Nova Jerusalém” (Cariri Oeste), dando início às romarias. Não era apenas a fé no sacramento, mas no sentido que a narrativa dava ao fenômeno do sangramento da hóstia. Jesus estava se manifestando. Uma nova esperança nascia. Os relatos tocavam o coração, a alma, o desejo dos crentes sertanejos nordestinos que estavam mergulhados em uma realidade caótica de sofrimento sem fim.

Reação da Igreja Hierárquica

Quando o Bispo do Ceará ficou sabendo oficialmente do ocorrido, a narrativa do milagre em Joazeiro já havia percorrido as mais diversas comunidades do interior, incluindo Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. Diante disso, ele sentiu-se traído e, a partir daquele momento já assumia uma pré-disposição para negar o “milagre”. Começou a afirmar que aquele sangue que envolvia a hóstia na boca da beata não poderia ser de Cristo. E para que a sua afirmação pudesse se transformar em um posicionamento oficial da Igreja ele precisaria

⁵ Os documentos oficiais da Igreja, que tratam da “Questão do Joazeiro”, registram, por diversas vezes, as testemunhas se referindo à estes acontecimentos. Algo que pode ser conferido, por exemplo, em CASIMIRO, Antônio Renato Soares de. (Org.) *Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Joazeiro – A Questão Religiosa*. Fortaleza: Ed. Senac, 2012, p.92.

provar o que considerava como farsa. Para tanto, constituiu uma comissão formada por padres competentes e de inteira confiança da Diocese. Assim, aos 21 de julho de 1889, por meio de portaria, o Bispo nomeava Pe. Cícério da Costa Lôbo como comissário e Pe. Dr. Francisco Ferreira Antero como secretário do inquérito que deveria concluir que, aquilo que ocorria em Juazeiro não passava de manifestações de fanatismo de pessoas que não conheciam a teologia da Igreja. Começa assim um dos conflitos históricos mais marcantes da Igreja Católica no Brasil, gerando uma contradição presente até os dias de hoje. Cícero nunca deixou de ser padre e nunca tirou a sua batina preta e surrada. Mas este padre foi condenado pela Igreja. Afastado das Ordens sacerdotais e até excomungado. Porém, o “*Patriarca de Juazeiro*”⁶ foi proclamado santo pelos milhões de romeiro espalhados no nosso país. Mas este santo não pode entrar na Igreja, porque continua sendo um padre oficialmente afastado.

Instituída a comissão que deveria investigar o “milagre”, decidiu-se que os padres Cícério e Antero deveriam se deslocar ao Juazeiro e ouvir imediatamente a beata. Descrita pela literatura da época como uma mulher simples, negra e ignorante – por ser iletrada –, Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, a partir de então, iria ser submetida a todo tipo de interrogatório que buscava encontrar contradições que, por sua vez, desvelassem a farsa de um “milagre” que, de antemão, já era rejeitado pelo Bispo.

Lira Neto, por meio de suas habilidades jornalísticas, descreve muito bem este quadro.

De um lado estava a sertaneja Maria de Araújo, que desconhecia os segredos da cultura letrada e nunca havia posto os pés fora do Cariri [...]. Do outro, dois doutores em religião, senhores viajados, que levavam consigo não só a gravidade de suas vistosas batinas, mas também os

⁶ Expressão que se refere ao tema de uma obra bastante conhecida em meio aos pesquisadores sobre Padre Cícero. Cfr. SOBREIRA, Azarias. *O Patriarca do Juazeiro*. Fortaleza: Ed. Vozes, 1969.

pressupostos de uma vivência religiosa acadêmica e cidadã (2009 a, p.112).

O autor descreve os “universos” distintos, mas que coabitavam dentro dos mesmos limites da religião Católica Apostólica Romana. Duas realidades distantes culturalmente, mas que partilhavam os mesmos símbolos religiosos produzidos e utilizados como signos ideológicos no processo de colonização imposto pelo Ocidente.

Neste contexto, havia um sério problema: para os padres doutores, Deus só poderia se manifestar através das autoridades da Igreja hierárquica, tendo como referência a fisionomia europeia, ou pelo menos em comunhão com o projeto da Igreja. Para a beata – assim como para a grande maioria dos sertanejos nordestinos da época – Deus se manifestava através dos que podiam compreender e traduzir a sua “linguagem” de forma simples. Realidade simbólica onde estavam situados os beatos, que dedicavam toda a sua vida à religião e, ao mesmo tempo, estavam profundamente inseridos no universo cultural dos sertanejos.

A cada pergunta feita pelos representantes do Bispo Maria de Araújo respondia com segurança, dando ênfase não somente ao milagre, mas a diversas outras manifestações extraordinárias, em que o próprio Jesus se apresentava como o protagonista de uma relação amorosa que partia de uma amizade de infância – onde ela brincava com o menino Jesus, onde ela afirma, inclusive, ter efetuado o “casamento com Cristo”.⁷ E, novamente Lira Neto é quem melhor resume este quadro.

Aquela mulher com sua linguagem simples e de poucos recursos retóricos, recitou uma ladainha infinda, um vasto repertório de relatos pessoais a respeito de visões, aparições divinas, revelações e profecias que teriam

⁷ No interrogatório aos padres da comissão Maria de Araújo afirma que o casamento dela com Cristo ocorreu na presença de anjos e de Maria Santíssima. “Então Jesus lhe introduziu no dedo o Anel Nupcial, deu-lhe a mão chamando-lhe esposa e confirmando-a como tal, exigindo que ela se consagrasse de um modo mais íntimo ainda, e anunciando-lhe dali em diante teria mais que sofrer por seu amor”. Cfr. Antônio Renato Soares de Casemiro (org). Padre Cícero Romão Batista e os Fatos de Joazeiro: Ed. Senac, 2012. p.34.

sido recebidas por ela diretamente do Além. Eram tantas e tão indescritíveis as graças alegadas pela beata que, caso fossem creditadas como legítimas pelo clero, com certeza viriam a igualar Maria de Araújo a outras místicas famosas do catolicismo, como Ana Catarina Emmerich ou Teresa de Ávila, consideradas luminares da cristandade (2009 b, p.113).

Podemos dizer que a narrativa mítica que fez outras mulheres serem confirmadas como santas e milagrosas era a mesma. Mas o contexto era outro. Se Maria de Araújo fosse confirmada como santa o catolicismo popular se fortaleceria em seu aspecto mais perigoso para a hierarquia: a sua autonomia com relação à autoridade centralizada. O que já havia sido alimentado por Ibiapina e que se tornara a base para Caldeirão e Canudos.

Diante do ocorrido Padre Cícero se mantinha em uma “corda bamba”. De um lado percebia que a narrativa do “milagre” lhe oferecia a manutenção de um poder extraordinário – tanto político quanto religioso. De outro, corria o risco de ser excluído pelas autoridades que manifestavam para a Igreja um outro projeto – o de fortalecimento do poder clerical. Este dilema o acompanhou durante toda a sua vida.

Por parte da hierarquia não havia dúvida: o “milagre” deveria ser negado. Tanto é que, mesmo depois da comissão ter concluído que não havia evidência de “embuste” e que, o que estava acontecendo em Juazeiro era realmente algo extraordinário, o bispo continuou com a mesma postura até chegar ao ponto de abandonar o primeiro relatório, destituir a primeira comissão e instituir uma outra, com ordens mais rígidas de intervenção.

Foi neste contexto que Maria de Araújo recebeu ordens expressas para deixar o Juazeiro, afastando-se da companhia de sua família e de Padre Cícero para se transferir à Casa de Caridade do Crato, onde deveria se submeter à novas ordens e à novos testes. Porém, mesmo no Crato o “milagre” se repetiu. Contudo, chegou ao ponto de os comissários do bispo exigirem que Maria de Araújo tomasse a hóstia e ficasse com a boca aberta por até quinze minutos – expondo-a ao ridículo diante de muitas testemunhas que aguardavam para ver o que

ocorreria. E, neste contexto de “espetáculo”, o milagre deixou de acontecer. Para o Bispo era a evidência que faltava. Para Padre Cícero, uma grande injustiça. Neste cenário, Cícero foi intimado a negar publicamente o “milagre” nos seguintes termos:

Ordenamos ainda ao Reverendo Cícero se desdiga no púlpito da proposição que avançou afirmando que o sangue aparecido nas sagradas partículas era o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo; pois que não o é e nem pode ser, segundo os ensinamentos da Theologia Catholica (CASIMIRO, 2012 a p.29).

Contudo, essa retratação em um primeiro momento não aconteceu. Assim também como não aconteceu o que o Bispo mais exigia: que o ocorrido não se tornasse público. Era impossível conter as narrativas que fomentavam a seriedade e gravidade do milagre pois referia-se ao sangue de Cristo. Era a manifestação de uma esperança para os desesperançados.

Diante deste quadro, o Bispo D. Joaquim decide ser mais duro. “A única coisa que eu imponho é que não se publiquem quaisquer factos, dando-se-lhes carácter miraculoso, de sorte que faça abalo no povo. Si Maria de Araújo recebe realmente poderes do céu, que os vá gozando só, sem perturbar a boa ordem da Diocese” (CASIMIRO, 2012 b, p.500).

Como podemos perceber, o Bispo bem sabia que a repercussão do referido milagre poderia desencadear uma onda de fortalecimento da religiosidade popular, com todos os aspectos que estavam sendo combatidos pela hierarquia, com o rótulo de fanatismo. Neste contexto o Prelado resolveu emitir documentos oficiais, sob o título de Cartas Pastorais. Foram quatro cartas – 1893, 1894, 1897, 1898 – todas com posicionamentos claros contra o suposto milagre. Os mesmos documentos definia a beata como inimiga da Igreja e Padre Cícero como rebelde e desobediente. Na primeira carta o Bispo já deixava explícita a sua opinião e seu posicionamento: o sangue na hóstia não era de Cristo, mas da Beata. As causas do fenômeno seriam naturais e não

sobrenaturais. Esse posicionamento colocava como embuste⁸ aquilo que era compreendido como milagre pelos romeiros. Colocava os dois principais personagens envolvidos diretamente no acontecimento, considerados pelos romeiros como agraciados por Deus, agora como condenados pela Igreja.

No entanto, mesmo com a condenação da Igreja Oficial, as romarias cresciam cada vez mais.

As cartas do Padre Alexandrino – que foi designado como interventor no segundo inquérito, pároco do município do Crato (município ao qual pertencia Juazeiro), que recebera a missão de manter o bispo informado – revelam claramente a sua preocupação com as romarias, que era a expressão de uma religiosidade popular que a hierarquia da Igreja estava buscando combater naquele momento.

Cumpre-me comunicar à VEx. os últimos factos ocorridos no Joaseiro. As romarias para este lugar nunca foram tão numerosas, digo, estão sendo tão numerosas que causam espanto. Parece impossível acabar com a affluência do povo n'aquella Capela. Tem vindo de Alagoas, Escada, Pernambuco, Therezina, Bahia, Amazonas e até das fronteiras do Perú (CASIMIRO, 2012 c, p.566).

As cartas relatam ao Bispo uma situação incontrolável, do ponto de vista da hierarquia. Algo que para a Igreja Oficial se caracterizava como uma forma de “anarquia”. Estas mesmas romarias mantiveram e ainda mantêm vivo, presente e atuante o patriarca do Juazeiro e do Nordeste. Mas, onde foi parar Maria de Araújo?

Bem, isso seria o mesmo que perguntar por que Jesus deveria nascer de uma virgem ou porque Jesus teve apenas apóstolos. O fato é que o mito e a religião, para nascerem e se sustentarem, precisam, necessariamente, de uma aceitação coletiva. E essa aceitação nasce a partir de uma narrativa que explica, justifica, ou simplesmente dá sentido a um determinado acontecimento ou fenômeno. O grande

⁸ “Embuste”, neste caso, refere-se à uma forma de enganação ou falsificação. Havia a suspeita de que aquele fenômeno estava sendo produzido intencionalmente, na tentativa de se usufruir dos resultados impactantes produzidos pelo mesmo.

segredo para esta aceitação não está no fenômeno em si, mas na narrativa elaborada em torno do mesmo, respondendo aos desejos e às necessidades da coletividade, oferecendo um universo de sentido. Sendo assim, por mais simbólica que seja a linguagem, ela deve respeitar os limites da cultura na qual os narradores estão inseridos. Portanto, se a cultura for constituída por elementos simbólicos colonialistas, são estes elementos que serão utilizados para povoar o imaginário dos participantes da religiosidade popular dentro da Igreja, recebendo uma aceitação coletiva. Mesmo tomando uma perspectiva conflitante entre colonizadores e colonizados.

Neste contexto, também em Juazeiro a narrativa não teria o mesmo efeito se colocasse em destaque uma mulher (em uma cultura machista), negra (em uma cultura racista) e pobre, alguém sem nenhum destaque em meio a um grupo social formado por pessoas quase que completamente dependentes dos coronéis e dos políticos para sobreviverem.

Maria de Araújo faz parte daqueles ‘sem-lugar’, ‘sem-poder’, dos leigos, ou ainda mais, de acordo com o código de Direito Canônico vigente na época, abaixo dos leigos, pois era mulher. Ou ainda mais: abaixo do status de mulher, pois era negra: “raça infecta” pelas constituições do arcebispado da Bahia. E podemos ir mais longe na desqualificação de Maria de Araújo: era analfabeta. Ela, portanto fazia parte daqueles que não constroem a história (FORTI. 1999. p. 109).

Neste contexto podemos dizer que a época, o cenário de colonialismo, a mentalidade clerical e machista, o racismo muito presente, são todos componentes que dificultariam a aceitação de Maria de Araújo como santa, já que não resolvia o caos gerado pela realidade desafiadora, na luta pela sobrevivência, e o conflito na luta pela manutenção do poder. Por outro lado, Padre Cícero se encaixava muito bem na narrativa simbólica que poderia ser aceita coletivamente. Mesmo porque num segundo momento da história do Juazeiro o que passou a ganhar destaque foi a defesa do próprio “lugar sagrado”, em sérios riscos de destruição – como ocorrera com Canudos. Além do mais, o

discurso religioso de Padre Cícero fazia muito sentido para os romeiros e romeiras em busca da esperança. Deus estava se manifestando em Juazeiro do Norte, derramando o seu sangue para salvar a humanidade. Esse discurso perpassava os corações tomados por um mesmo desejo: alento, sobrevivência, segurança para as famílias e sentido da vida – que desemboca na questão da fé. Está aí justamente a base que leva um determinado grupo social a uma aceitação coletiva frente a uma narrativa simbólica.

Mas, aqui, vale observar uma característica importante da religiosidade popular: mesmo não propondo revolução política, social ou econômica ela encontra brechas para construir espaços de autonomia dentro das estruturas de poder. E o mais interessante: se utilizando de símbolos religiosos destas estruturas a partir de uma interpretação autônoma e criativa.

É por isso que as beatas assumiram a linguagem simbólica da Igreja, a partir do discurso dos missionários. A luta entre o céu e o inferno, Deus e o Diabo, o bem e o mal estava presente em todas as narrativas que defendiam o argumento de que o sangue na hóstia era do próprio Cristo. Em seu depoimento à comissão enviada pelo Bispo para investigar o fenômeno, a beata Maria de Araújo narrou, por diversas vezes, as suas idas e vindas ao inferno e ao purgatório; os seus diálogos com Cristo, que manifestavam a continuação do seu sofrimento, derramando o seu sangue em favor da humanidade. Enfim, o “universo simbólico” habitado por ela era o mesmo no qual estava inserida grande parte dos nordestinos, doutrinados pela Igreja católica, através das missões populares. Dentro deste universo, a linguagem simbólica dava vida e concretude ao imaginário. O sangue derramado e o sofrimento de Cristo “se encontrava” com o sofrimento dos sertanejos nordestinos. O simbolismo do inferno e do purgatório estava muito próximo do que os mesmos estavam vivendo. O céu era a possibilidade de transcendência que alimentava a esperança de todos. Portanto, não havia problema em se utilizar do simbolismo oferecido pela Igreja Oficial. O que importava era a narrativa que dava sentido a este simbolismo, dentro da realidade

vivida. Nesta perspectiva, como afirma Oliveira, “Podemos então definir o catolicismo popular como um conjunto de representações e práticas religiosas autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o código do catolicismo oficial” (1985, p.135).

A Dimensão ideológica e colonialista dos fatos

No caso específico dos conflitos que envolveram a Igreja, o Estado e a religiosidade popular em torno de Juazeiro do Norte, não podemos deixar de esclarecer a dimensão ideológica. Tomando ideologia a partir da perspectiva de um conjunto de ideias que gera convencimento e adesão e que justifica a visão de mundo.

Por parte da Igreja, o primeiro argumento ideológico refletia a perspectiva do colonialismo. Nas palavras de Pe. Pierre-Auguste Chevalier, ex-formador de Cícero – quando cursava teologia no seminário de Fortaleza –, fica bem clara essa dimensão: “Nosso Senhor não iria deixar a Europa para fazer milagres no Brasil” (Apud. NETO, 2009, p.108). Essa visão eurocêntrica colonialista estava na base de uma aliança que permanecia entre a Igreja e o Estado.

Outra dimensão ideológica se estruturava a partir da relação de gênero. Maria de Araújo não tinha as características de uma europeia, e também não era formada nas estruturas da Igreja hierárquica – como religiosa. Enfim, ela assumia exatamente as características da mulher beata, que havia passado por um processo de reconhecimento e empoderamento promovido por Ibiapina. Que, como as outras beatas, não havia deixado se moldar completamente pelas estruturas de poder institucional. Uma instituição com bases culturais machistas e clericais. Neste contexto a figura da mulher poderia ser comparada à “feição diabólica”. A imposição da autoridade masculina e clerical sobre a figura do feminino era tal que Otacílio Anselmo, com ares de aprovação, chega a descrever uma agressão física sofrida por Maria de Araújo. Padre Alexandrino, coordenador da segunda comissão, que mantinha a beata como prisioneira na Casa de Caridade do Crato, com a função de produzir o relatório solicitado pelo Bispo, se irritou ao ficar sabendo que a mesma havia dito que o milagre não acontecia na frente dos padres da

segunda comissão, diante das testemunhas convidadas por estes, pelo fato de os mesmos estarem em pecado mortal. “Naquele instante, movido por injustificada indignação, o Comissário Diocesano muniu-se duma palmatória, aplicou doze bolos⁹ na solerte embusteira e mandou-a de volta para o Juazeiro” (ANSELMO, 1968, p.160).

Uma obra de 1913, denominada “*Joazeiro do Cariry*”, descreve Maria de Araújo expressando toda a carga de preconceitos e rejeição, refletidos nas expressões da época.

Maria de Araújo que deve orçar hoje pelos seus cinquenta annos, é de estatura regular; brunduzia, triste, vagarosa, entanguida, essencialmente cachetica, porque tem ella uma serie ascendente de cacheticos ou tuberculosos. [...] O nariz irrompe d’entre os olhos, sem base, e, levantando-se, a pouco e pouco, alarga-se de azas chatas até os ossos malares, achamboirados, estupidos, nas gelhentas bochechas cavas. [...] Eis, meu amigo, em ligeiros traços, o transumpto d’essa cacodemoniaca creatura que deve de ser mulher, que assim o indica a penula, a murça, a bata, o vestuário, sobretal, de beata (PEIXOTO, 1913, pp.42 – 43).

Aqui, além da questão de gênero, aparece também o preconceito étnico-racial. O que está muito ligado ao substrato colonialista de nossa cultura. Porém, o que queremos destacar a partir desta citação é que a figura da mulher fora dos padrões europeizados e das estruturas tradicionais de poder, representa uma ameaça. Como afirma Renata M. Paz,

Numa sociedade onde a supremacia masculina, tanto na esfera religiosa quanto na esfera secular é algo preponderante, o destaque obtido por Maria de Araújo era algo desconfortável, ainda mais porque os eventos tocavam em preceitos religiosos muito caros à ortodoxia (PAZ, 1998, p.84).

Em uma carta datada de 20 de outubro de 1891, escrita por Padre João Chanavat à José Joaquim Telles Marrocos, fica bem claro esse desconforto da Igreja perante o protagonismo feminino nos eventos de Juazeiro. “As razões d’esta minha desconfiança são 1 que estes factos não se dão immediatamente na hóstia consagrada mas tão somente na boca de uma mulher” (CASIMIRO, 2012 a, p.526).

⁹ “Bolos”: uma expressão nordestina que significa batidas na palma da mão se utilizando de um instrumento “disciplinador” chamado palmatória.

Em outra correspondência elaborada por D. Joaquim Arcoverde A. Cavalcante – Bispo da Bahia e futuro primeiro Cardeal brasileiro – esse incômodo se evidencia, carregado de preconceito. Ao se referir aos estigmas ocorridos no corpo de Maria de Araújo ele afirma: “Esses fenômenos de estigmas em mulheres não são raros, e principalmente nas histericas, e por si só não auctorizam a dizer-se que são milagrosos” (CASIMIRO, 2012 b, p.536).

Neste contexto, uma das citações mais agressivas veio de Alencar Peixoto, antes mesmo do conflito armado envolvendo Juazeiro e as forças do Governo.

Uma cabra de cabelo ulotricho e mastigado que servia fóra de casa, mas muitas vezes não podia trabalhar e se ficava de cama por causa das sovas que amiudamente lhe dava o macho, o marido. [...] Quanto á hybridéz moral d’essa candorça diabólica a quem se ligara pela lei das moleculas affins, e com quem concertara o padre Cicero aquelle supersatanico embuste iterativo da hóstia em sangue transformada, quem poderá debruxal-a? (PEIXOTO, 1913, pp. 41; 44).

A terceira dimensão ideológica que queremos destacar no campo da religião consiste no argumento teológico. Mesmo porque, se Deus estava se manifestando em Juazeiro do Norte – lugar insignificante, pelas mãos de um “baixo clero” – sem expressão na hierarquia, pela boca de uma beata – mulher, negra e analfabeta –, então alguma coisa estaria errada, de acordo com os preceitos da Igreja. O fenômeno fugia de todos os limites pré-estabelecidos. Portanto, de acordo com as autoridades, não poderia ser coisa de Deus. Mesmo porque, para a Igreja, as consequências de se admitir o milagre seria a santificação de uma beata. Por conseguinte,

Transformar Maria de Araújo em Santa era tudo o que não podia acontecer naquele momento, pois haveria de se admitir a mediação – e não a do clero masculino – entre Deus e a humanidade, ouvir-lhe os ensinamentos teológicos dados diretamente por Deus em suas comunicações com ela e, portanto, admitir um outro caminho para a salvação que não só o da Igreja Institucional (FORTI, 1999, p. 75).

Naquele momento histórico, a maior autoridade estabelecida no Nordeste era a de D. Joaquim Arcoverde¹⁰. É por isso que o Bispo de Fortaleza se dirige constantemente ao mesmo para solicitar suas orientações. Este, abertamente contrário à aceitação do suposto milagre, se utiliza de todos os argumentos para que se tomassem atitudes drásticas contra o ocorrido em Juazeiro do Norte. Em uma carta escrita por Arcoverde ao Bispo de Fortaleza – D. Joaquim José Vieira –, aos 18 de outubro de 1891, ele afirma:

[...] Como comunhão, não é admissível: as 9 horas da noite, logo no momento em que se applicava aos exercícios do mês de Maria, sem estar em jejum, o que é proibido pela Igreja; não, o espirito de Deus em suas manifestações não se põe em contradição com a Igreja (CASIMIRO, 2012, p.517).

Diante disso, o evento não poderia ser obra divina, mas embuste humano ou ação do diabo. O sangue não poderia ser de Cristo. Admitir este “milagre” seria admitir que a manifestação divina poderia se dar fora das estruturas e do controle da hierarquia. Não era um milagre ocorrido nos limites dos conventos ou das estruturas oficiais. E, diferentemente de Lourdes, ele não poderia ser incorporado pela instituição hierárquica da Igreja Católica. Ao contrário, ele reforçava um movimento que historicamente estava dificultando o processo de centralização do poder eclesiástico no Brasil.

Portanto, mesmo sem ter ido ao Juazeiro, mesmo sem ter conhecido Maria de Araújo, mesmo sem ter presenciado pessoalmente as consequências do fenômeno por meio das romarias, mesmo com o resultado do inquérito elaborado pela comissão que ele mesmo constituiu (com padres de sua confiança), O Bispo decidiu, negar o “milagre”. O controle da situação por meio do argumento teológico possui, como pano de fundo, a relação de poder. Quem compreende oficialmente os desígnios divinos possui o poder de interpretar e comunicar a vontade de Deus. Com o poder, inclusive, de direcionar o “vontade divina” para o desejo da hegemonia.

¹⁰ Bispo da Bahia que depois se tornaria o primeiro Cardeal Brasileiro, com sede no Rio de Janeiro.

Estas três dimensões, portanto, servem para identificar o que denominamos por “conjunto de ideias colonialistas” que estabelece a visão de mundo, o comportamento e as ações sociais de um determinado grupo, em conformação com uma estrutura de poder hegemônica. Sem perder de vista o “outro lado da moeda”: para que os movimentos da religiosidade popular alcançassem tal organização e poder, precisavam também da constituição de uma ideologia. O que geralmente se constituiu a partir de uma utopia, no sentido de se definir um lugar distinto, ordenado e sagrado para viver longe da fome, sem dominação e mais perto de Deus. O interessante é que estes, que eram filhos da ideologia colonial imperialista, continuavam reproduzindo aspectos mitológicos que se constituíram em sua visão de mundo, que Gramsci define também como “utopia”. Neste sentido, para ele a religião católica é “a mais gigantesca utopia [...] que apareceu na história, já que é a tentativa mais grandiosa de conciliar sob uma forma mitológica as contradições reais da vida histórica” (GRAMSCI, 1974, p.141).

Para os romeiros e romeiras o argumento convincente era a manifestação do sagrado que representava esperança para os desesperançados. Para a hierarquia da Igreja o argumento mais utilizado para combater estas manifestações se constituía rotulando os mesmos como fanáticos perigosos. Por serem considerados fanáticos ameaçavam a ordem pública e religiosa. Expressão muito utilizada pelos que negavam o “milagre” e rejeitavam a manifestação da religiosidade popular.

Sendo assim, se o argumento ideológico não fosse suficiente, a intervenção armada seria justificada. Esta foi a mesma decisão da Igreja Católica no Brasil diante dos conflitos que se transformaram nos massacres de Canudos e Caldeirão. Com Juazeiro não seria diferente. A decisão era a mesma. Estava justificada a sua destruição. Se Padre Cícero e Floro Bartolomeu – seu braço direito e estrategista – não recorressem a estratégias políticas, unindo-se à um projeto que visava a tomada do poder no Ceará, certamente o “destino” de Juazeiro seria o mesmo que o dos outros movimentos. E, neste contexto, a força

carismática de Padre Cícero se destacou. O que o colocou na principal referência de luta e resistência em defesa do “lugar sagrado” que representava a manutenção da esperança para milhares de flagelados que já não suportavam mais um processo migratório interminável em busca da sobrevivência.

Considerações finais

Para compreender o processo de santificação e mitificação de Padre Cícero precisamos partir do milagre da hóstia para as suas consequências que giraram em torno do fenômeno das romarias. Contudo, partindo deste ponto, é possível perceber que o sangramento da hóstia na boca de Maria de Araújo foi o acontecimento fundante de tudo o que ocorre posteriormente. No entanto, o que fica muito evidente é o fato de que a protagonista deste acontecimento acaba praticamente desaparecendo do cenário que irá coroar Padre Cícero como o Santo, o “Padim”, o Patriarca.

Num primeiro momento, a curiosidade fomentava muitas visitas ao Joaseiro. Em um segundo momento, as visitas se transformaram no principal ritual que fortalecia a fé dos sertanejos nordestinos gerando mais um grande movimento da religiosidade popular. Este movimento ganha “corpo” e se fortalece ainda mais quando Juazeiro, já emancipado, foi ameaçado de destruição, com os mesmo argumentos que justificaram a destruição de Canudos. O contexto social, político, econômico e religioso é o mesmo. A relação de poder foi diferente. E, no centro desta relação de poder estava Padre Cícero. Revestido do simbolismo do sagrado (batina preta, cajado na mão) e se impondo como autoridade que aglutinava em torno de si milhares de famílias que viam em Juazeiro a “Nova Jerusalém Sagrada”.

Inicialmente, portanto, as romarias se davam por conta dos milagres. Posteriormente as romarias ocorriam por conta do carisma de um Padre que se tornava o “Padim de todos os romeiros”; o “Patriarca do sertão”. O santo que compreendia e acolhia a dor e o sofrimento dos

desesperançados. Neste contexto, outros milagres foram acontecendo. A conquista da garantia de sobrevivência, com uma vida melhor, era um deles. Assim que ocupou este lugar de destaque entre os sertanejos começou a ter a sua vida recontada e recriada pela tradição oral e, posteriormente, pelos cordéis.

Porém, estas narrativas começam a deixar de lado Maria de Araújo, justamente quem desencadeou todo esse processo. Algo que, para nós, só pode ser compreendido levando em conta o contexto ideológico colonialista no qual está inserido nossa cultura. Uma cultura profundamente marcada pelo machismo, pelo racismo e por uma relação de poder internalizada pelos subalternos, colocando em destaque a autoridade. E que, além do mais, associou esta autoridade ao sagrado, como forma de justificativa para uma relação de dominação.

Por outro lado, se tomarmos como perspectiva as possibilidades e alternativa, podemos dizer que foi a forma que a religiosidade popular brasileira encontrou de abrir brechas nas estruturas de poder se utilizando do mesmo simbolismo produzido pelos colonizadores. Neste sentido, Padre Cícero passou a representar um simbolismo de resistência na luta pela sobrevivência, em um cenário onde a própria vida dos crentes estava ameaçada. O que não deve justificar a realidade de exclusão que ocorreu com a figura de Maria de Araújo. Apenas possibilita compreender um pouco mais este cenário.

Referência Bibliográfica.

ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero – Mito e Realidade*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.

CASIMIRO, Antônio Renato Soares de (Org). *Padre Cícero Romão Batista e os Fatos do Joazeiro*. A Questão Religiosa, Fortaleza, Ed. SENAC, 2012.

CAVA, Ralph Della. *Milagre em Juazeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1976.

FORTI, Maria do Carmo P. *Maria de Araújo: a beata do Milagre*. São Paulo: Ed. Annablume, 1999.

GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

_____. *Quaderni del Carcere*. Edição crítica de Valentino Gerratana, Turim, Einaudi, 1974.

NETO, Lira. *Padre Cícero: Poder, Fé e Guerra no Sertão*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. *Religião e Dominação de Classe: Gênese, Estrutura, e Função do Catolicismo Romanizado no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

SILVA, Nilze Costa e. *A Mulher Sem Túmulo – Vida Romanceada da Beata Maria de Araújo, Protagonista dos “Milagres de Juazeiro, Ceará, em 1889*. Fortaleza: Ed. Armazém da Cultura, 2010.

PAZ, Renata Marinho. *As Beatas do Padre Cícero. Participação Feminina Leiga no Movimento Sócio-Religioso de Juazeiro do Norte*. Juazeiro do Norte: Ed. IPESC – URCA, 1998.

PEIXOTO, Alencar. *O Joazeiro do Cariry*. Edição provisória. S/ Local: S/ Ed. 1913.

QUEIROZ, José J. Mito e Suas Regras, In. PASSOS, João Décio & USARSKI, Frank. *Compêndio de Ciências da Religião*. São Paulo: Ed. Paulinas / Paulus, 2013.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. *O Meio do Mundo: Territórios de Sagrado em Juazeiro do Norte do Padre Cícero*. São Paulo: Tese de Doutorado em História na PUC – SP, 2000.

SOBREIRA, Azarias. *O Patriarca do Juazeiro*. Fortaleza: Ed. Vozes, 1969.